REVISTA DA FUNDARTE
ANO 21
NÚMERO 44
MARÇO DE 2021
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO

POÉTICAS DO ISOLAMENTO:
EXPERIÊNCIAS EM ARTE E EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

NA SEARA DA PANDEMIA: PROCESSOS DE CRIAÇÃO QUE GERMINARAM E FRUTIFICARAM NO DECORRER DO ENSINO REMOTO

Jéssica Pinheiro[1]
Patriciane Born[2]
Sandra Rhoden[3]

Resumo: Este ensaio se configura como um relato de experiências em torno das metodologias utilizadas pelas professoras da área de Artes Visuais da FUNDARTE em tempos de pandemia. Produzido sob a forma de fragmentos. Apresentamos o Curso de Iniciação às Artes e o Curso Básico de Artes Visuais com seus respectivos módulos, descrevendo a maneira que cada docente enfrentou os desafios propostos pelo ensino remoto para dar continuidade aos processos de criação dos alunos em contextos diversificados. Apresentado como escrita coletiva, o texto constitui-se de escolhas individuais em torno da metáfora do plantio, apoiando-se em referenciais teóricos diversos. Por questões éticas, a *voz* dos alunos será identificada por pseudônimos relacionados à figura de linguagem que permeia a escrita.

Palavras-chave: Pandemia; Ensino remoto; Arte e educação; Processos de criação.

---

[1] É arte-educadora e mediadora. Atua como professora de artes visuais do Curso Básico de Artes Visuais da FUNDARTE e como professora de arte em duas escolas da rede municipal de Montenegro. Integra como mediadora o Projeto Rede de Mediadores da Galeria de Arte Loide Schwambach, atualmente atuando conjuntamente na na coordenação do projeto. É especialista em Estudos Culturais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e pós graduanda de Metodologia do Ensino das Artes pelo Centro Universitário Internacional – Uninter. É graduada em licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS. Desde seu ingresso na docência em arte participa como professora convidada de diversas oficinas, seminários, palestras, disciplinas e bancas de arte e educação.

[2] Professora, artista e mediadora. Atua como professora do Curso Básico de Artes Visuais da FUNDARTE, coordenadora da Galeria de Arte Loide Schwambach, atuante no Projeto Rede de Mediadores e Assessora da área de Artes Visuais da mesma instituição. É mestra em Educação e especialista em Pedagogia da Arte pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, licenciada em Artes Visuais pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS. Desde o início de sua formação, participa de cursos, oficinas, seminários, palestras e conversas na área de artes visuais e educação, como ouvinte, professora convidada ou integrante de comissão organizadora, bem como já integrou comissões de avaliação de projetos educativos e bancas de trabalho de conclusão. Participou de exposições coletivas e do coletivo de artistas Ponto de Fuga, tendo também realizado projetos artísticos em parceria com outros artistas.

[3] Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS. Licenciada em Música, e, em Artes Visuais pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul-UERGS. Tem experiência na área das Artes, com ênfase em Educação Musical e Artes Visuais, atuando principalmente nos seguintes temas: musicalização infantil, educação infantil, iniciação às artes, pedagogia do piano e formação de professores. Desde 2013 é coordenadora do Polo FUNDARTE Arte na Escola.

PINHEIRO, Jéssica; BORN, Patriciane; RHODEN, Sandra. *Revista da FUNDARTE*. Montenegro, p.01-32, ano 21, nº 44, janeiro/março de 2021.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/revistadafundarte/index> 30 de março de 2021.

REVISTA DA FUNDARTE
ANO 21
NÚMERO 44
MARÇO DE 2021
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO

POÉTICAS DO ISOLAMENTO:
EXPERIÊNCIAS EM ARTE E EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

IN THE HARVEST OF THE PANDEMIC: CREATION PROCESSES THAT GERMINATED AND FRUITED DURING REMOTE TEACHING

Abstract: This essay is configured as an experience report around the methodologies used by teachers in the area of Visual Arts at FUNDARTE in pandemic times. Produced in the form of fragments, we present the Initiation to the Arts Course and the Basic Course of Visual Arts with their respective modules, describing the way that each teacher faced the challenges of remote teaching to support the students' creation processes in diversified contexts. Presented as collective writing, the text is composed of individual choices around the metaphor of planting, based on different theoretical references. For ethical reasons, students' voices will be identified by pseudonyms related to the figure of speech that permeates the text.

Keywords: Pandemic; Remote teaching; Art and education; Creation processes.

INTRODUÇÃO

Em março de 2020, assim como todos os setores, sofremos um grande golpe. O solo que estava preparado para a semeadura foi implicado pela pandemia de *coronavirus disease* 2019 (Covid-19). Como todos, alunos e professores enclausurados em suas moradias, fomos assolados pelas questões: Como continuar vinculadas com nossos alunos à distância? É possível propor experiências com a arte de maneira remota?

Para dar base ao texto, primeiramente apresentamos a área de ensino de Artes Visuais na Fundação Municipal de Artes de Montenegro - FUNDARTE, que é constituída pelo Curso de Iniciação às Artes e pelo Curso Básico de Artes Visuais.

O Curso de Iniciação às Artes atende crianças na faixa etária de 4 a 7 anos de idade, e tem como objetivo geral promover o ensino das artes na infância, através da experimentação de materiais e de projetos de trabalho, contemplando também processos de apreciação, reflexão e prática artística, envolvendo principalmente artes visuais e música, e transitando eventualmente pelo teatro e pela dança.

A metodologia adotada está estruturada nos conteúdos propostos e, especificamente, pelos projetos de trabalho que serão desenvolvidos a partir do interesse da turma, procurando explorar técnicas, materiais e os procedimentos de criação individual e coletiva.

O Curso Básico de Artes Visuais, voltado a alunos e alunas a partir de 7 anos de idade, tem como principal objetivo proporcionar aos alunos diferentes vivências na arte, a circular por experiências que envolvam o fazer, o olhar atento e a investigação. Por meio da experiência criadora e da elaboração de conexões, hipóteses e ideias, busca-se uma educação crítica e poética de múltiplas visualidades e leituras de mundo, atribuindo sentidos e criando distintas formas de interpretação.

A metodologia é estruturada por conteúdos e projetos de trabalho, na qual se procura explorar e transitar pelas linguagens artísticas, pelas técnicas, por materiais e por procedimentos de criação individual e coletiva, em que são enfatizados os produtores da arte, a diversidade de suas formas e concepções estéticas, situando e contextualizando a arte e suas relações nas diversas culturas, tempos da história e da contemporaneidade no âmbito regional, nacional e internacional. O curso é dividido em seis módulos, sendo eles Oficina Básica (7 a 10 anos), Oficina I (11 a 13 anos), Oficina II, Oficina III, Oficina IV (entre 11 e 15 anos, com pré-requisitos) e Ateliê I e II (jovens e adultos), os quais trabalham diferentes conceitos de acordo com sua faixa etária.

A partir de uma escrita ramificada, buscamos narrar e sobretudo refletir sobre impressões e experiências docentes e discentes durante a pandemia no ano de 2020, no contexto específico destas turmas de crianças, adolescentes e adultos, estudantes de Artes Visuais na FUNDARTE.

INICIAÇÃO ÀS ARTES

O cultivo depende do manejo de solo

Crianças separadas da professora, de seus colegas e do chão da sala de aula, um solo fértil que cuidadosamente tinha sido arado e estava preparado para que nele fosse semeado ideias para o trabalho em artes no decorrer do ano que se iniciava, ficou em repouso devido ao início da pandemia.

Anterior ao ensino remoto foi possível realizar dois encontros presenciais, momentos destinados à escolha de um tema a ser pesquisado. O tópico *Plantas* surgiu com unanimidade para este grupo de alunos do Curso de Iniciação às Artes, entre 06 a 07 anos de idade. Frente a dificuldade de dar continuidade ao plantio devido a paralização das aulas presenciais, foi o momento de rever o terreno e aliar-se (professora, alunos e famílias), passo inicial para que as atividades pedagógico-artísticas florescessem em seus canteiros *sui generis,* no primeiro semestre do ano letivo.

O canal de comunicação comum a todos para o encaminhamento e realização das atividades foi o aplicativo WhatsApp, a forma mais eficaz e possível para auxiliar as famílias responsáveis dessa turma, especificamente. Através de chamadas de vídeo individuais, materiais impressos, vídeos explicativos e disponibilização de materiais para a realização das atividades, foi possível instrumentalizar os alunos e seus familiares na tarefa de cultivar a semeadura iniciada presencialmente.

Ao encerrar o primeiro semestre, foi necessário avaliar e refletir sobre a minha ação docente, por perceber que as crianças e as famílias não estavam motivadas para dar continuidade às atividades. Enfim, as atividades a distância precisavam de ajustes, e do mesmo modo realizado no primeiro semestre, dei voz às crianças para que em suas preferências investigativas fossem abordados, individualmente, assuntos de seus interesses que afloraram durante a pandemia, em seus contextos individuais: Super-heróis; Animais Selvagens e Silvestres; Blocos de Montar; Animais Domésticos; Frutas,

legumes e verduras foram as sementes para a aposta da nova safra. Além da nova semeadura, era preciso revolver a terra, constantemente, para que fosse possível uma segunda safra.

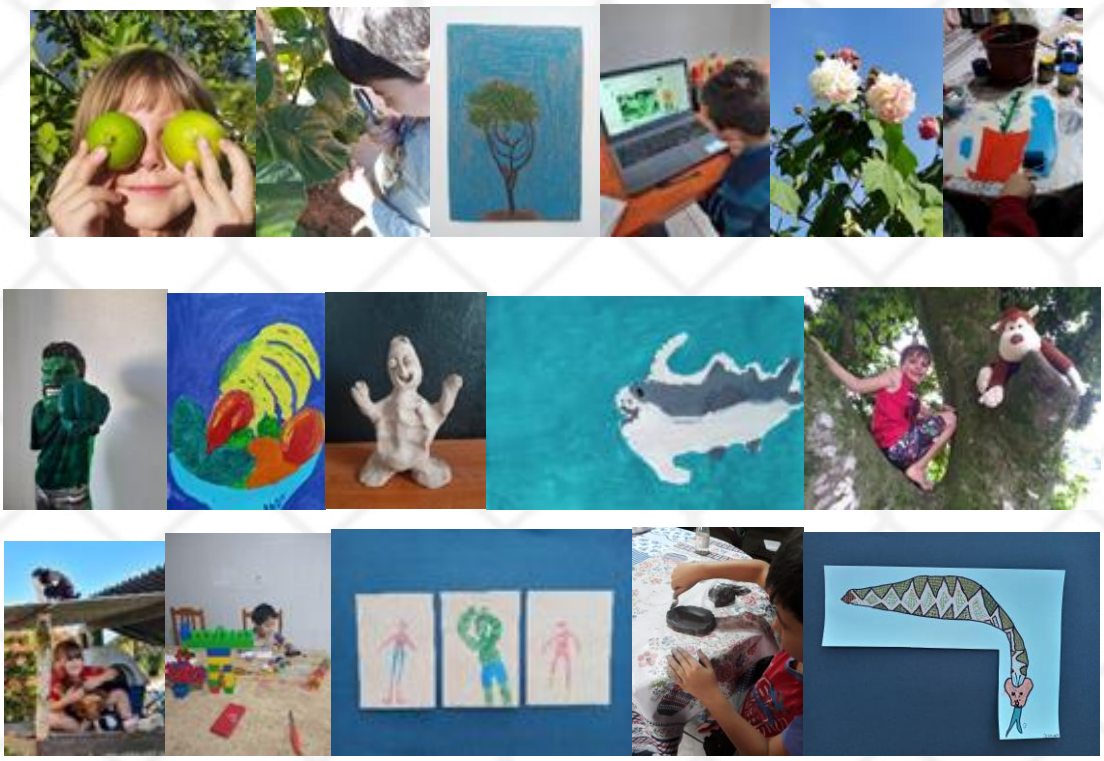
Removendo as ervas daninhas

Os momentos de diálogo com as crianças e famílias através de chamadas de vídeo foram essenciais para entender o que estava ocorrendo em seus contextos particulares. O entrave dos protocolos, a distância física dos alunos e a necessidade de amparo pedagógico às famílias levaram-me a decidir adentrar por um momento no lar dos meus alunos, principalmente ao escutar o desabafo de uma das crianças quando questionada sobre o que estava achando das atividades que teria que realizar em casa: *Eu me senti um pouco estranho, parecia que alguma coisa estava indo por água abaixo (Poejo)*.

A *voz* de Poejo ecoou como uma chuva de granizo sobre a plantação. De acordo com Bachelard (2005, p. 115), “depois que ele cai, tudo refloresce, e que sobretudo o trigo, semeado após o granizo, oferece uma colheita infinitamente mais abundante do que nos anos em que não caiu granizo”. E, com a permissão das famílias, foi possível chegar até as crianças para auxiliar em seus processos criativos, levando em conta todas as medidas de proteção e distanciamento protocolados.

Em minha memória, fica registrada a expressão singular de cada aluno ao me receber, e o alívio das mães ao me ver adentrar em seus lares com os instrumentos necessários para que o solo fosse adubado e pudéssemos dar uma continuidade ao ensino remoto com mais leveza.

E como um tabuleiro plantador, o ano letivo de 2020 brotou, floresceu e frutificou, de acordo com as imagens que ilustram seus processos de investigação, criação e produções plásticas.



Registro fotográfico dos trabalhos dos alunos realizado pela professora, e dos alunos em seus processos enviados pelos pais

OFICINAS BÁSICAS A E B, OFICINAS IA E IB E ATELIÊ II

O viveiro precisou ser recuperado

Como um vento forte repentino em uma tempestade que vai levando as folhas e sementes caídas ao chão para longe do pé da árvore, professoras viram seus alunos serem levados cada vez mais para longe, e em suas casas foram guardados, como quem leva para casa uma folha ou uma delicada semente encontrada no caminho. Lá e acolá

ficamos, distantes, guardados, preservados, até que alguém nos convidasse novamente para um replantio em novo solo.

Os dias se passaram e começamos a planejar como seriam as novas plant(ações) do semestre já que estaríamos criando germinações nunca antes testadas e que estariam espalhadas por muitos lares da cidade.

No início da pandemia alunos e familiares foram contatados virtualmente e adicionados aos grupos de cada turma no aplicativo WhatsApp para serem mantidos informados sobre avisos e participação da nova modalidade de ensino à distância, adotada imediatamente após comunicado da Equipe Diretiva da Instituição.

Fortificar o vínculo foi uma das primeiras semeaduras realizadas a fim de não perder o contato e a confraternidade com os estudantes dos diferentes módulos de ensino. Propostas, ações e desafios foram encaminhados aos grupos de cada módulo com o objetivo de instigar os estudantes a permanecerem participando das aulas na modalidade à distância, ação que aos poucos foi germinando em cada aluno e aluna em suas casas.

Entre conversas alongadas à silêncios, entre a espera e a rápida resposta de uma breve mensagem, entre alunos que me procuraram e os que eu procurei e sem notícias permaneci, assim seguiram os primeiros meses de pandemia e ensino remoto das aulas de minhas turmas do Curso Básico de Artes Visuais.

Apesar dos silêncios e procuras sem resposta de uma parcela pequena dos alunos, outra parcela bem maior buscou manter um retorno virtual dentro das possibilidades de sua rotina familiar, buscando sempre que possível responder com ciente aos comunicados.

O enraizamento do vínculo com os alunos e as famílias

Laborar a relação com as famílias foi um dos pontos positivos do ensino à distância. Neste período, muito mais do que em outros, o acompanhamento da família às atividades em arte foram cruciais para o desenvolvimento das proposições remotas, sendo à família uma promotora (cultivadora) do crescer, frutificar e do amadurecer dos processos de criação e experimentações em arte propostos para os alunos em suas casas. Cada família foi responsável por cada uma destas etapas de plantel na pandemia, que apesar das adversidades, encontrou em cada lar solos humíferos para que destes saíssem grandes e suculentos frutos para as duas Mostras Virtuais.

As trocas de mensagens e ligações com as mães, pais, avós e irmãos dos alunos pelo aplicativo WhatsApp foi uma raiz, que com o passar do tempo foi ramificando-se e fortificando-se no que diz respeito as relações à distância com os estudantes. Entre encaminhamentos, confirmação de presença nas aulas síncronas, avisos e tarefas propostas à cada módulo é que foram sendo construídas relações mais próximas com as famílias, resgatando um contato que antes estava muito limitado aos encontros para as Mostras de final de semestre e entrega das avaliações do Curso Básico nas dependências físicas da FUNDARTE.



Preparação do espaço para aula síncrona com a Oficina Básica B

Conhecendo e preparando a terra para o plantio

A constante aração das metodologias foi necessária e se fez presente em nossas aulas e em nossas reuniões semanais da área das Artes Visuais. Coube a nós professoras adubar, regar e fazer germinar em cada um de nossos alunos o desígnio para que, de grão em grão as práticas fossem enxergadas no solo.

Umas das dificuldades iniciais foi a necessidade de compreensão do processo de ensino/aprendizagem à distância e a mediação urgente do meio com o qual a partir deste momento estaríamos trabalhando. O telefone celular passou a ser objeto pedagógico diário e constante aos contatos com os alunos e famílias, vista a situação pandêmica que nos impossibilitava de estarmos presencialmente na Instituição. Na medida em que as aulas foram acontecendo com cada módulo tornou-se necessário criar e repensar estratégias a cada novo desafio, e principalmente, refletir sobre o desenvolvimento dos processos de criação e dos conteúdos e projetos de trabalho nessa modalidade.

Diante da busca por estratégias para estabelecer uma melhor comunicação e vínculo com os alunos, percebemos os desafios encontrados a cada estratégia, assim como suas possibilidades. Durante o desenvolvimento dos dois semestres à distância, várias estratégias didáticas foram elaboradas e testadas, tanto nas aulas síncronas por videoconferência pela plataforma do Google Meet, como nas aulas assíncronas enviadas pelo grupo de WhatsApp, buscando criar assim, uma melhor interação entre professora, alunos e suas famílias.

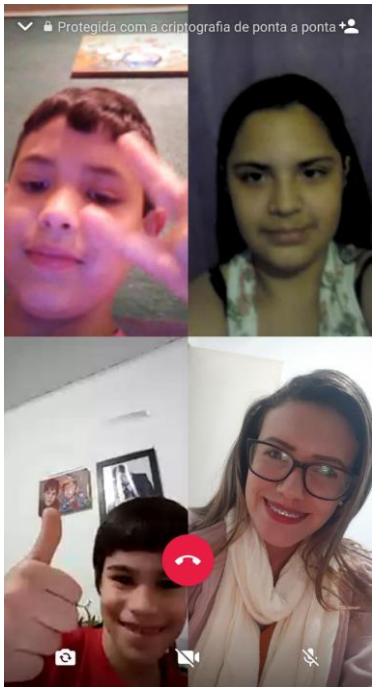
Um dos muitos brotos cultivados durante as aulas síncronas por videoconferência com os alunos das Oficinas Básicas A e B, Oficina IA e IB e Ateliê II foram as aulas práticas agendadas tanto de modo coletivo como individual. Neste espaço-tempo virtual, um objeto/aparelho transmite, através de uma tela, que se pode ver e ouvir, rostos, vozes, mãos, gestos, sons... Cada um com seus instrumentos e materiais em sua casa, produzindo em conjunto uma ação com múltiplos resultados. Foram satisfatoriamente notórios os momentos vividos de modo coletivo por videoconferência em tempo real,

demonstrando que as aulas à distância com a presença de colegas e da professora estavam gerando, além de produções em arte, frutos de interesse e entusiasmo, antes adormecidos pelas aulas assíncronas desenvolvidas no primeiro semestre.

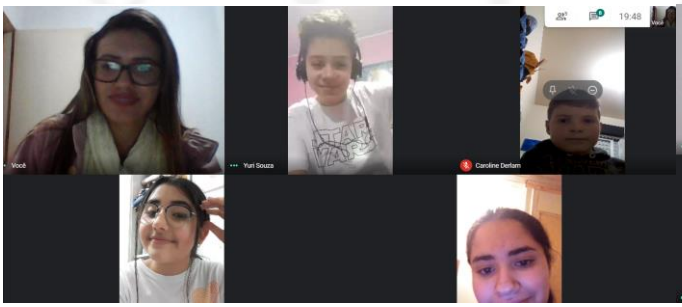


Aula 7 - Oficina Básica A

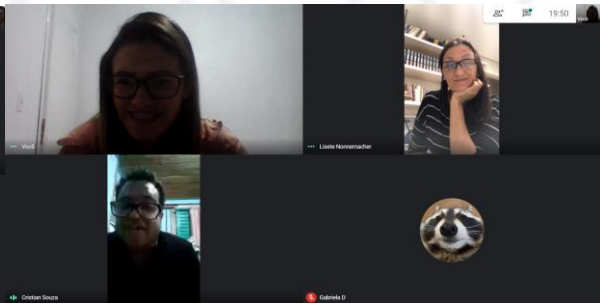
Aula 4 - Oficina IA



Aula 3 - Oficina Básica B



Aula 3 - Oficina IB



Aula 6 - Ateliê II

Apesar das dificuldades de acompanhamento na execução das proposições virtuais, o desenvolvimento dos projetos de trabalho e o exercício da poética individual como campos de investigação, propiciou resultados criativos e adequados ao momento histórico vivido de isolamento físico e simultaneamente, hiper conectado no meio virtual, propiciando "[...] novas formas de ser/estar/sentir/agir, assim como novas formas de ver/olhar para o lugar onde está e o que faz" (LAMPERT; FACCO, 2018, p. 30).

Terra brotante: o que nasceu, cresceu e frutificou...

O primeiro semestre com as Oficinas Básicas A e B foi regado a possibilidades expressivas em cor, gesto, forma e composição. Com a proposta de deixar de lado a preocupação com a "obra" para adubar a ideia de pensar a arte como um processo contínuo de possibilidades expressivas, por meio de materiais artísticos e alternativos presentes no cotidiano, as duas turmas desenvolveram explorações técnicas, a partir de diferentes materiais artísticos e expressivos, como também, de diferentes materiais e suportes não convencionais ou alternativos, fazendo uma referência constante ao processo de experimentação poética do aluno.



Experimentações dos alunos da Oficina Básica A



Experimentações dos alunos da Oficina Básica A

No segundo semestre o que começou como uma simples brincadeira lúdica e prática em uma das primeiras aulas, tomou um outro rumo após as primeiras conversas síncronas que tivemos de modo coletivo. O projeto Arte Postal começou a criar ramificações quando cada um dos estudantes de sua casa produziu um desenho de observação, a partir de um objeto pessoal.

A partir deste momento, começamos a conhecer e refletir sobre a história da arte postal e como ela influenciou outras linguagens da arte. Em decorrência, outras ações foram sendo desenvolvidas e o resultado foi o envio de envelopes por cada aluno via correio. A segunda ação se consistiu em produzir cartões postais com diferentes técnicas e materiais artísticos para serem enviados à amigos, colegas, familiares e funcionários da Fundarte via correio. Muitos foram os destinos e destinatários dos cartões postais. Cada postal ganhou vida a partir das cores, formas, imagens e desenhos criados por cada aluno. A última ação resultou na produção de envelopes de arte postal a partir da referência da série Envelopes do artista Paulo Bruscky, no qual os estudantes puderam experimentar a fabricação de carimbos artesanais. Significativas foram as avaliações quanto a estes processos, estando visíveis os usos e arranjos produzidos por cada aluno em seu jardim.



Registros do Projeto Arte Postal



Registros do Projeto Arte Postal

O que pode o desenho nos possibilitar em arte? O que as “coisas” do cotidiano tem a nos mostrar? Estes foram alguns questionamentos germinados para as Oficinas IA e IB durante o primeiro semestre de 2020. Os alunos das duas turmas foram convidados a conhecer, reconhecer e experimentar os elementos visuais e suas relações compositivas em processos gráficos/pictóricos através de criações individuais. Na proposta de exercitar e refletir de forma inventiva e criadora as possibilidades representativas, diferentes foram os olhares sobre o mesmo tema, ora da observação de pareidolias cotidianas, ora dos desenhos criados dentro de formas aleatórias, ora de criações poéticas individuais, todos frutos da dedic(ação) dos alunos para com as propostas enviadas no grupo de WhatsApp da turma.



Registros de Pareidolia - Oficina IB

No início do segundo semestre diversas proposições foram elaboradas e experimentadas em aulas síncronas e assíncronas com o objetivo de provocar os estudantes a explorarem suas inventividades gráficas por meio do desenho. Instigados a investigar em seus interesses pessoais uma temática de referência entre as tantas possibilidades dialogadas de modo coletivo, cada aluno escolheu uma temática que apresentasse não somente seu tema favorito em ilustrações, mas como também apresentasse seus estudos e práticas na linguagem do desenho. Animes, mangás, jogos digitais, séries e memórias formaram um paralelo entre a representação de referências visuais e a criação autoral.



Série Wanderful day, Sem título, por Sophia Ysabella Carrillo Sanches

No Ateliê II um dos objetivos norteadores deste módulo de ensino busca reconhecer, investigar e desenvolver a pesquisa poética do aluno em arte, possibilitando pesquisar e produzir, de modo contextualizado, uma pesquisa artística que reflita as preferências do aluno na linguagem das artes visuais. No primeiro semestre, a partir da temática Natureza, o grupo foi convidado a produzir diferentes criações que envolvessem esse amplo e diversificado conteúdo visual. Através de diferentes narrativas gráficas, pictóricas e fotográficas cada aluno apresentou os resultados de diferentes pesquisas poéticas que abordaram as diversas sutilezas e especificidades contidas na natureza.



Campo de Girassóis por Lisete Nonnemacher

Em decorrência das aulas síncronas desenvolvidas durante o segundo semestre, entre os três alunos e a professora, foram surgidas diferentes ações práticas e diálogos coletivos que resultaram na criação de três projetos poéticos, cada um com suas singularidades de linguagens, materiais, meios e processos. As produções encontradas na mostra são vestígios investigativos de um percurso individual, que pretendeu não somente conhecer, reconhecer e apropriar-se destes e outros modo de produzir arte, mas como também nos fazer refletir sobre as questões e conceitos intrínsecos em cada trabalho.



Experimentos pictóricos em processo por Cristian Fabiano Santarém de Souza

Um dos diagnósticos mantidos durante o ensino à distância foram as autoavaliações ao final de cada semestre letivo. Este continuou sendo um importante marcador dos pontos positivos e negativos do desenvolvimento das aulas. Três perguntas disparadoras foram elaboradas a fim de que os estudantes pudessem deixar registrado, de forma dissertativa, suas impressões sobre o ensino à distância, e como este refletiu no desenvolvimento das propostas em arte. Além deste, outros diagnósticos foram explorados por cada uma das professoras, a partir das necessidades de cada oficina ou turma.

Questionados na autoavaliação do primeiro semestre sobre se o semestre havia sido produtivo na modalidade à distância, a grande maioria dos alunos respondeu que sim, embora muitos tenham destacado a importância das aulas presenciais com a professora, como mostra uma das autoavaliações de aluno da Oficina Básica escrita abaixo com a ajuda da mãe:

> "Sim foi produtivo, claro que presencial eles aproveitam mais porque estão ali com a professora para tirar dúvidas e ajudando a melhorar os traçados e trabalhos, mas foi produtivo porque fizeram trabalhos diferenciados, com isso aumentando o conhecimento". (Copo de Leite)

Já outro aluno da Oficina Básica preferiu destacar os pontos positivos e negativos do primeiro semestre, e como estava se sentindo com a nova realidade de estudos em casa: *"Ponto positivo, estava em casa podia fazer os trabalhos várias vezes. Fazer os trabalhos em casa não é tão legal quanto fazer com os amigos, mas as atividades foram 'muito massa', muito boas"*. (Estrelícia)

No segundo semestre, as autoavaliações continuaram demonstrando como as aulas remotas foram recebidas pelos alunos durante estes 10 meses. *"Sim, muito produtivo! Foi divertido e desafiador estar assim com aulas remotas"* (Begônia), é o que afirma uma das alunas da Oficina I, que em sua escrita destaca o quão desafiador foi desenvolver as aulas remotas, o que reforça a nossa constante preocupação como professoras, em arar as metodologias e rever as práticas a cada novo ciclo em andamento.

Questionados sobre uma possível modalidade híbrida de ensino no ano de 2021, um dos alunos da Oficina I escreve:

> "Que no próximo ano possamos voltar às aulas presenciais pois sabemos da importância do professor mesmo nos dando todo o suporte que precisamos neste ano atípico. Mas sabemos o quanto crescemos mais em aulas presenciais". (Lírio da Paz)

Diante das vozes dos alunos refletidas nas autoavaliações e das falas das três professoras, percebemos que em 2020 o ensino e aprendizagem da arte, precisou mais uma vez ser repensado. Precisamos investigar e experimentar uma nova forma de ensinar e aprender, pautada no contexto do mundo atual e considerando o que se tem em casa, o envolvimento da família e a vida no distanciamento social. Foi preciso explorar novas maneiras de aprendizagem e interações que estimulassem a curiosidade e a criatividade nos alunos para além dos conteúdos trabalhados em sala ateliê.

OFICINA II, OFICINA III, OFICINA IV E ATELIÊ I

O início da pandemia: poda e adubação

Dia 16 de março de 2020, segunda-feira de manhã. Como uma árvore que foi podada sem aviso prévio e sem necessidade de perder os seus galhos, viçosos e saudáveis, recebemos a notícia, professoras e professores, alunos e alunas, que todas as atividades da FUNDARTE, aulas e eventos, estavam suspensos até abril, como forma de prevenção à infecção pelo coronavírus, que já vinha espalhando-se em outros países e havia chegado até nós. Estado de suspensão e paralisação é também o que provavelmente todos sentiam, sem acreditar que poderíamos ficar sem aulas presenciais durante meses.

Aulas de artes visuais à distância? Alternativa quase impossível, como uma terra dura e difícil de arar, é o que pensamos no início, ao menos nos moldes a que estávamos habituados, de compartilhamento de experiências em sala-ateliê acontecerem de forma remota, cada qual, alunos e professora, isolados em seus respectivos territórios. Foi preciso, primeiramente, readequar esse pensamento, devido às circunstâncias impostas pelo que o presente vislumbrava para o futuro próximo; a reinvenção dos processos de uma aula de artes visuais, em época de isolamento social e consequente educação remota, se fazia urgente.

Ao instaurar-se o ensino à distância, a plataforma, inicialmente usada, foi o aplicativo de mensagens instantâneas WhatsApp, através dos grupos com alunos de cada módulo. Além das discussões e proposições coletivas no corpo de texto do aplicativo, sob hora marcada para que todos estivessem participando da conversa escrita em tempo real, era prática o envio de envio de links de sites e tutoriais em vídeo, bem

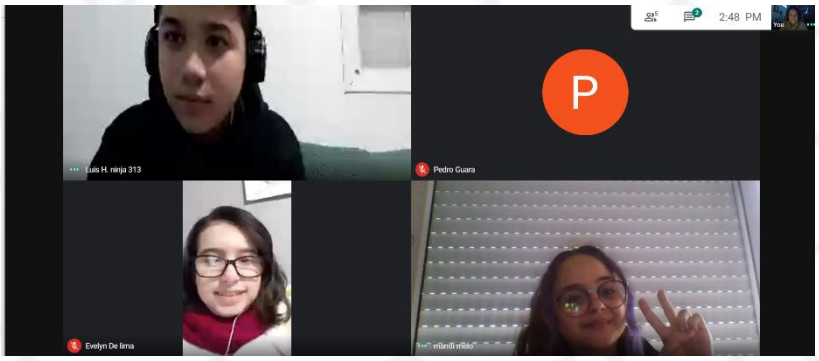
como orientações individuais através de mensagens escritas, de voz e chamadas de vídeo privadas, conforme a necessidade.

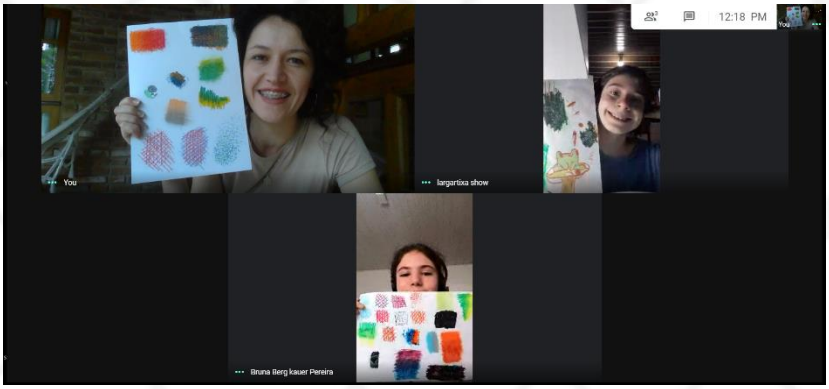
A partir de junho, o pivô central do ensino remoto dos módulos Oficina II, Oficina III, Oficina IV e Ateliê I foram aulas síncronas semanais ou quinzenais por plataformas como o Google Meet e/ou o recurso de chamada de vídeo coletiva do WhatsApp. Sobre as aulas síncronas, Moreira e Schlemmer (2020, p. 9) explicam que "embora haja um distanciamento geográfico, privilegia-se o compartilhamento de um mesmo tempo, ou seja, a aula ocorre num tempo síncrono, seguindo princípios do ensino presencial". Os mesmos autores consideram que nesta atividade síncrona "a comunicação é predominantemente bidirecional, do tipo um para muitos, no qual o professor protagoniza vídeo-aula ou realiza uma aula expositiva, por meio de sistemas de webconferência" (MOREIRA; SCHLEMMER, 2020, p. 9).

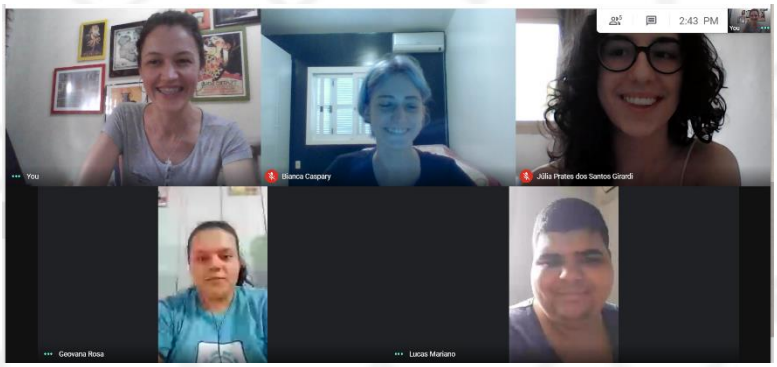
No entanto, eu particularmente considero que os nossos encontros síncronos foram muito mais abertos e amplos do que o método "um para muitos", pelo fato primeiro de haver poucos alunos por turma, o que proporcionava uma rica troca entre os participantes. E, sobretudo, por perceber tais aulas, como um espaço criador, suplementado pela escuta e pelo diálogo. As aulas síncronas não deixaram de ser, de certa maneira, possibilidade de encontro com outros seres humanos para além de seus familiares, espaço de fala, lugar de respiro, para além das atividades obrigatórias e comuns do dia-a-dia durante a quarentena.

REVISTA DA FUNDARTE
ANO 21
NÚMERO 44
MARÇO DE 2021
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO

POÉTICAS DO ISOLAMENTO: EXPERIÊNCIAS EM ARTE E EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA









PINHEIRO, Jéssica; BORN, Patriciane; RHODEN, Sandra. *Revista da FUNDARTE*. Montenegro, p.01-32, ano 21, nº 44, janeiro/março de 2021.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/revistadafundarte/index> 30 de março de 2021.

Prints de tela de aulas síncronas - Oficina II, Oficina III, Oficina IV e Ateliê I

Foram pensados projetos específicos para cada turma nesta modalidade, bem como projetos pessoais que contemplavam os interesses dos alunos, por meio de discussões coletivas sobre o conteúdo. Neste relato, evidencio algumas propostas que compuseram o primeiro ou o segundo semestre. A quarentena e o ficar em casa, por si só, foram objetos de investigação que alimentaram propostas iniciais a partir de abril, como a realização de um diário visual, realizado através do meio gráfico pelas Oficinas III e IV, e pelo meio fotográfico, pela Oficina II e Ateliê I. O diário visual se constituiu como uma maneira de observar e compartilhar a passagem dos dias, o seu cotidiano e o seu entorno. Também, de perceber que a rotina da quarentena, embora pudesse parecer igual, era composta de sutilezas que faziam os dias serem únicos, em seus diminutos detalhes.





Acima: Fragmento de diário visual de Bianca Caspary

Ao lado: Vistas das janelas dos estudantes durante uma chamada de vídeo

Com o Ateliê I, na sequência de proposições virtuais de instituições de arte como MARGS e Fundação Vera Chaves Barcellos, estudamos artistas que se apropriam e ressignificam materiais e objetos do cotidiano, como o artista Sandro Ka, celeiro de ideias para que os estudantes, em uma das propostas, desenvolvessem suas próprias investigações e experimentos em casa, com os objetos e materiais que a habitavam.





Interações entre objetos, proposta realizada por Regina Born e Loriana Jung - Ateliê I

Findo o primeiro semestre, embora processos de criação tenham florescido, um considerável ramalhete despetalou-se. Ao contrário da preferência em ficar em casa para potencializar a criação, na opinião de alguns (conforme citado mais adiante), em outros pude perceber a falta de motivação, pelo fato de se encontrar distanciados do convívio social: "*Fiquei totalmente sem inspiração pra fazer as atividades, em grande parte porque muito da minha inspiração vinha do que eu vivenciava saindo de casa*" (Antúrio).

Assim, em conversa coletiva durante uma das aulas síncronas, resolvemos que durante o segundo semestre cada um desenvolveria o seu processo de criação de maneira independente, a partir de temáticas previamente escolhidas.

A Oficina IV fez sua escolha: passagem do tempo e memória. Era hora de olhar para dentro e, a partir de certos disparadores semeados pela professora, tomar caminhos

que lhes conectassem um pouco mais ao seu entorno, ao seu passo, às suas memórias, já que o mundo os privara de vivenciar novas experiências na convivência em sociedade.

A observação do cotidiano no desenrolar do tempo, o tempo das coisas, o tempo do crescimento, a mudança que acontece pouco a pouco, o movimento do tempo nos espaços da casa e janela afora, a flor desabrochando, as experiências com materiais efêmeros - a terra pigmentando, a chuva molhando o tecido, a composição inicial sofrendo mutações, as memórias no acervo fotográfico e imagético familiar, as lembranças de seres queridos, a reflexão sobre a impermanência e a transitoriedade da vida, *memento mori*. Reflexões lançadas, regadas e germinadas através de procedimentos como fotografia, produzida ou apropriada, colagem digital e técnicas híbridas, em experimentações visuais que revelam, além de suas particularidades estéticas, profundidade conceitual permeada por afetividade.

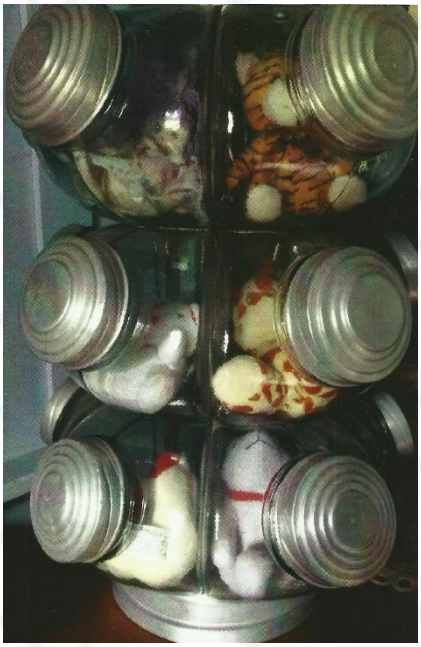


Registros de observação da passagem do tempo, por
Betina Luft da Rosa e Júlia Prates Girardi - Oficina IV

REVISTA DA FUNDARTE
ANO 21
NÚMERO 44
MARÇO DE 2021
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO

POÉTICAS DO ISOLAMENTO:
EXPERIÊNCIAS EM ARTE E EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA





Acima: O mundo fantástico de Lucas, por Lucas Mariano

Ao lado: Intervenção afetiva no baleiro do avô, por Geovana da Rosa



Parte da série “Onde meu coração está”, produção de Bruna Berg Kauer Pereira

PINHEIRO, Jéssica; BORN, Patriciane; RHODEN, Sandra. *Revista da FUNDARTE*. Montenegro, p.01-32, ano 21, nº 44, janeiro/março de 2021.
Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/revistadafundarte/index> 30 de março de 2021.

Os ganhos da pandemia: floração

"(...) nem vencer o caos nem fugir dele,
mas conviver com ele e dele
tirar possibilidades criativas" (GALLO, 2008, p. 49).

Distintamente de uma praga que assola as lavouras, resultando em nada além de prejuízos para o seu plantador, a pandemia e sua consequente necessidade de reinvenção também trouxe ganhos outrora não alcançados, à exemplo do que alguns alunos citaram em suas autoavaliações[4].

Um dos pontos mais frequentes foi o fato de estar refletindo, trabalhando dentro de seu tempo e em seu lugar, de acordo com as seguintes falas: "*Realizei atividades que possibilitaram uma ligação entre eu e os ambientes da minha casa. (...) pude perceber os ambientes que pouco frequentava e aproveitava*" (Amor-perfeito); "*Eu fiz muito mais trabalhos do que eu faria fora da quarentena*" (Ametista); "(...) *nunca desenhei tanto em duas semanas*" (Avenca); "A*cho que a modalidade a distância não impediu e nem diminuiu a qualidade do nosso trabalho nesse semestre e nos ajudou a ter mais responsabilidade* (...). *Eu aprendi nesse semestre que tudo pode mudar mas nem por isso, a arte para, pelo contrário, isso nos dá mais motivação para melhorar e inovar*" (Amarílis).

[4] Os Cursos Básicos da FUNDARTE propõem um formato qualitativo de avaliação, na qual o/a aluno/a realiza uma autoavaliação dissertativa, bem como o/a professor/a discorre sobre a jornada de aprendizagem do/a estudante no semestre, avaliando-o não com uma nota numérica, mas com um conceito. No entanto, ao longo dos dois semestres de 2020 - durante a pandemia, o conceito não foi atribuído, sendo somente a parte de avaliação dissertativa mantida.

Podemos perceber nestes escritos dos e das alunas, uma certa satisfação em uma "ação centrada em si" (CINTRA; OLIVEIRA, 2020, p.61), um corpo mais solto dentro do cotidiano, buscando e usufruindo de (re) encontros consigo mesmo, dentro do cenário do lar, do seu espaço, à seu próprio passo, repensando inclusive o seu lugar no mundo e a partir disso, como deixa transparecer esta aluna em sua autoavaliação:

> "Eu acredito que a pandemia acrescentou uma nova temática às nossas produções artísticas, me ensinou a parar e refletir sobre minha vida e meu comportamento. Eu notei que normalmente passamos o dia olhando prédios, estradas e carros. Às vezes observamos o caminho que fazemos todos os dias, mas raramente observamos as paisagens na nossa própria casa, mas nesse semestre o meu projeto foi baseado em observar o mundo ao nosso redor e a perceber o que realmente é o nosso lar." (Alecrim)

Para além do encontro consigo mesmo, um olhar para fora, mais sensível às questões da vida e do mundo através do processo de criação, é o que parece florescer a partir do desenvolvimento de projetos pessoais, segundo uma aluna: "*Acredito que a desenvoltura de um projeto assim ajuda também a nos ligarmos um pouco com o mundo durante esse período de isolamento social, pois podemos explorar temáticas novas mesmo estando em casa*" (Acácia).

Sobre os ganhos no âmbito da formação docente, sublinho as reuniões semanais da área de Artes Visuais, as quais tornaram-se campo seminal no qual nós, professoras, partilhamos as perdas e ganhos das experiências educativas, as angústias professorais e discentes, e também onde compartilhamos nossas pequenas conquistas, seja de um aluno que tivesse voltado a participar das aulas remotas, ou de uma estudante cujo pensamento reflexivo gerou assunto para uma aula inteira.

Entre adaptações, inúmeros replanejamentos realizados à medida em que íamos vivendo as incertezas deste período, leituras coletivas, indicações de eventos online formativos, desabafos e momentos de descontração, o chão de nossa sala virtual foi

sendo forrado de terra adubada, gerando apoio e fortalecimento mútuo; vontade para continuar a semeadura. Como algumas produções colhidas a partir desse plantio, podemos citar dois textos escritos coletivamente para um jornal local, situando o contexto dos cursos e narrando experiências no ensino durante a pandemia, bem como os textos de apresentação das turmas, roteiro e organização das *lives* e mostras dos trabalhos dos alunos.

A propósito, outro fruto do período pandêmico e sua consequente suspensão de atividades presenciais foram as mostras virtuais dos alunos em formato de *live* exibidas no canal oficial da FUNDARTE no Youtube, e também mostradas no website da instituição, cujo público excedeu a corriqueira comunidade local de familiares e frequentadores dos corredores e da galeria da instituição. A produção reflexiva dos estudantes amplificou-se no ambiente virtual e pôde alcançar pessoas em qualquer parte do mundo, sem restrições de tempo e espaço.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia gerou a necessidade de mudanças no cotidiano de todos nós, e em relação aos Cursos de Artes Visuais da FUNDARTE, manifestou-se a necessidade de revolver o solo constantemente para dar continuidade às nossas práticas docentes e para que nossos alunos continuassem suas investigações e seus processos de criação.

A potencialidade oferecida pelas tecnologias digitais e os nossos encontros semanais foram responsáveis pelo êxito dos resultados alcançados ao longo do ano, que culminaram em duas mostras virtuais, compreendendo a produção reflexiva dos alunos a partir das nossas práticas pedagógicas propositadas.

Voltamos a destacar que a proximidade e o auxílio dos familiares foi de suma importância para que as crianças conseguissem criar vínculo à distância, a fim de realizar as propostas, já que essa faixa etária depende especificamente da presença constante de tutoria.

Por fim, o estado pandêmico em que nos encontramos mostrou que foi necessário nos destituirmos do conforto da sala de aula, do espaço que nos era tão conhecido, para caminhar por campos ainda incertos aos nossos pés, exigindo-nos um planejamento aberto, sempre suscetível à mudanças. Mesmo com todas as dificuldades, foi possível.

Referências:

BACHELARD, Gaston**.** A *formação do espírito científico:* contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

CINTRA, Raissa; OLIVEIRA, Rayssa. *Ateliê no cotidiano:* convite, convívio, continuidade. São Paulo: Diálogos, 2020.

GALLO, Sílvio. *Deleuze e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

LAMPERT, Jociele; FACCO, Marta. *Caderno Ateliê:* reflexões sobre metodologias operativas no estúdio de pintura. Matéria-Prima, Lisboa, v. 6, n. 3, p. 27-36, 2018. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/37790/2/ULFBA_MP_v6_iss3_p27-36.pdf. Acesso em: 27 jan. 2021.

MOREIRA, J. A.; SCHLEMMER, E. *Por um novo conceito e paradigma de educação digital online*. Revista UFG, 2020, v.20.

Para saber mais

Live de abertura da mostra virtual do primeiro semestre dos alunos do Curso de Iniciação às Artes e Curso Básico de Artes Visuais: https://youtu.be/WU9zRyCyV3A

Mostra virtual dos alunos do Curso de Iniciação às Artes e Curso Básico de Artes Visuais - 2020.1: http://www.fundarte.rs.gov.br/mostra-virtual/

Live da mostra do segundo semestre dos alunos do Curso de Iniciação às Artes e Curso Básico de Artes Visuais: https://youtu.be/c2_RLZmSim4